

PROSA & VERSO

Para entender as favelas do Rio

Sociólogas descobrem 668 títulos publicados sobre o tema entre 1906 e 2000

ENTREVISTA

Licia Valladares

Ao longo de cinco anos, as sociólogas Licia do Prado Valladares (coordenadora do Urbandata Brasil) e Lídia Medeiros se debruçaram, com a ajuda de dez colabora-

dores, sobre textos publicados entre 1906 e 2000, cujo tema foram as favelas cariocas. Após um trabalho minucioso, que incluiu, por exemplo, visitas a 46 bibliotecas e pesquisas *on line*, a equipe reuniu 668 títulos, catalogados, então, no livro "Pensando

as favelas do Rio de Janeiro", publicado pela editora Relume Dumará. Instrumento de trabalho obrigatório, a partir de agora, para estudiosos, o livro é definido por Licia como "um dicionário completo dos estudos sobre as favelas".

Jorge Antonio Barros e
Laura Antunes

O GLOBO: Por que a idéia de se pesquisar, reunir e catalogar trabalhos sobre o tema favela?

LICIA VALLADARES: Essa pesquisa é uma produção do Urbandata, que é uma base de dados bibliográficos na qual está registrada toda a produção nacional e internacional sobre o Brasil urbano. Essa publicação é a mais recente e tem a ver com o fato de que o termo favela virou moda. Em se tratando de uma moda, achamos importante que as pessoas que são vítimas dessa moda soubessem que já existe uma produção muito importante sobre favela, que em geral é desconhecida, para não dizer esquecida. Nós nos concentramos na bibliografia sobre favelas do Rio para mostrar que ela é uma produção antiga, que a grande maioria dos cientistas sociais atuais não a conhece. É um trabalho que veio para ficar, porque é um guia de estudos. De agora em diante, não se poderá dizer que não se conhece tal texto porque já se sabe onde poderá ser localizado.

• Como foi feita a pesquisa?

LICIA: Foi um trabalho que durou quase cinco anos envolvendo dez pessoas. Consultamos 46 bibliotecas, fizemos trabalho *on line*, nos debruçamos sobre a maioria dos textos com cuidado para preparar as sínteses, cujo objetivo é mostrar ao pesquisador o que está sendo tratado para ele ir diretamente ao que interessa. Fizemos índices por assunto e disciplina. Reunimos 668 textos, de 429 pesquisadores, com 173 temas sobre as favelas, incluindo relatórios de pesquisa, análises de congressos. Foi um leque bastante amplo de publicações.

• Nessa pesquisa sobre favelas, qual o tema que mais interessou aos pesquisadores entre 1906 e 2000?

LICIA: Sem dúvida, foram as políticas de intervenção, tema de 391 dos trabalhos que reunimos. As favelas vêm servindo, desde os anos 40, como laboratório experimental para o poder público. Já houve muitas experiências. Todos os governos do Rio, a partir de Getúlio Vargas, fizeram experiências em favelas. Tanto favoráveis, como desfavoráveis. A favela sempre foi, de certo modo, um espaço privilegiado, porque sempre conseguiu atrair a atenção. Isso é interessante se a gente comparar a favela com outros espaços, como a periferia, constituída de loteamentos irregulares, clandestinos, e que é pouco pesquisada. Verificamos isso.

• Por que o tema favela atrai tanta atenção?



A SOCIOLOGA LICIA do Prado Valladares: "deixem as favelas descansar um pouco".

LICIA: As favelas, antes de as ciências sociais existirem, já atraíam os jornalistas, os observadores do Rio. Eles foram lá e mostraram ao restante da cidade o que encontraram. Na época, as favelas estavam nos morros com acesso difícil e a classe média não ia lá. Depois vieram os músicos. E serviu de fonte de inspiração para um grupo enorme de letristas e sambistas, que mostraram o lado exótico da favela. Como dizer que lá se vivia pertinho do céu.

• Quando o estado começou a direcionar seu olhar para as favelas?

LICIA: O governo foi, nesta ordem, o terceiro ator social que descobriu a favela. Ele queria saber que favela era essa, um espaço irregular, contra a ordem, sobre o qual precisava ter algum tipo de controle. Então,

começaram a vir as experiências ligadas aos parques proletários, as experiências ligadas aos primeiros censos de favelas, como os de 1948 e 1950, e que contabilizaram pela primeira vez quantas favelas havia na cidade e quem era essa população que vivia nos morros.

• E o fenômeno das remoções de favelas?

LICIA: Foi quando começou a luta contra as favelas. Ela já existia, mas se tornou feroz a partir da experiência de remoções, no governo Carlos Lacerda. Você tem aí uma série de estudos. Essa época coincide com a entrada das ciências sociais no estudo das favelas. Deu-se no momento em que as favelas estavam sendo combatidas pelos poderes públicos. Os cientistas sociais pegaram essa onda das remoções e

Livro explora o vínculo entre violência e discriminação racial

• Em "Violência e racismo no Rio de Janeiro" (EdUFF), o cientista político e diretor-presidente do Instituto de Segurança Pública do Governo do Estado, coronel Jorge da Silva, conta como diversos programas que se propunham a resolver a questão das favelas foram guiados pela idéia de erradicação, de afastamento dessa população. Essa segregação social existente hoje num único espaço, a cidade do Rio, embutiria, segundo Silva, uma segregação racial. E seu livro busca verificar até que ponto a discriminação racial influencia o modo como a violência ocorre hoje na cidade.

— A própria sociedade do Rio de Janeiro não considera bala perdida aquela que foi disparada por um tiro na favela, num conflito entre traficantes e policiais — exemplifica o autor.

Além da segunda edição de "Violência e racismo no Rio de Janeiro", fruto de dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da UFF, Jorge da Silva também lançou durante a Bial "Segurança pública e polícia" (Forense), obra crítica na qual mostra que criminalidade e violência não poderão ser solucionadas somente com polícia. Ele propõe a construção de uma nova teoria de segurança pública.

— Será que a única obrigação das pessoas é pagar impostos? O livro mostra que não é apenas assim que o cidadão contribuirá para ter mais segurança no seu bairro e na sua cidade — afirma Jorge da Silva, que também é professor da Uerj.

trabalharam muito sobre isso. O primeiro ciclo de estudos feito por brasileiros tem a ver com remoção. E depois as políticas começaram a mudar um pouco. As favelas que eram um problema viraram uma solução e alguns arquitetos insistiram muito sobre isso.

• Isso ajudou a consolidar o conceito de que a favela não devia mais ser removida?

LICIA: Sim. A pastoral de favelas foi outro ator social importante, que contribuiu para a mudança da política das favelas, porque a pastoral tinha, nos anos 80, um conjunto de advogados que defendia a regularização e mostrou que era possível manter as favelas no Rio. As instituições internacionais também participaram dessa virada. Houve, através do Banco Mundial, uma mudança dessa política, que se tornou uma extensão de serviços a essas favelas, para incorporá-las ao espaço urbano.

• Quando, de fato, as favelas viraram moda e a violência passou a ser associada a elas?

LICIA: Nos anos 80 a favela virou moda. Tornou-se legítima como campo de estudos, um espaço dos problemas sociais. E aí, a violência chegou para botar o seu estigma dentro dessa favela, marcando-a como problema social.

• A pesquisa identificou 82 trabalhos que abordam os temas violência/segurança pública nas favelas.

LICIA: A maioria dos trabalhos é dos anos 90, mas, curiosamente, o primeiro deles foi escrito em 76, um guia prático sobre as favelas feito pela Secretaria de Segurança Pública para informar aos policiais que dados existiam, como população e número de moradias.

• Essa relação favela/violência é um dos temas mais abordados pelos pesquisadores?

LICIA: De fato. Esses trabalhos têm um lado positivo, mas também têm um negativo. Criaram a associação entre violência e favela. Hoje, quando se fala em violência, pensa-se só em favela. Ela se tornou um espaço da violência. Sabemos muito bem que não é só na favela que há violência, ela está disseminada por todo o Rio. Na periferia, a violência também está muito presente.

• Mas esses trabalhos também mostram a assimilação da favela pela indústria cultural. Virou tema de filmes, minisséries...

LICIA: Tem até turismo nas favelas atualmente! Tem Favela-Tour, Jeep-Tour. Um absurdo. A favela é tudo, menos um lugar de turismo. A favela que deu origem ao nome favela, que é o Morro da Providência, por exemplo, não é uma das favelas mais pesquisadas, nem para onde se levam turistas. Aliás, favela não é jardim zoológico. Deixem as favelas um pouco quietas. Deixem as favelas descansar um pouco. ■